

9

Conclusão: oposições

Em uma cena aparentemente corriqueira, o comandante de um navio recebe algumas convidadas à sua mesa na hora da jantar. A conversa cotidiana poderia ser a mais banal: uma empresária francesa, uma ex-modelo italiana, uma atriz e professora grega e o anfitrião, um americano de origem polonesa. Falando banalidades, eles percebem que cada um está falando sua própria língua, e que todos eles se compreendem perfeitamente. Com chegada de uma estrangeira, na verdade duas, uma jovem professora de história e sua filha, ambas portuguesas, a comunicação parece tornar-se mais problemática, já que, com esta chegada, a harmonia entre as diferenças estremece.

*

A cena é de “Um filme falado”, de Manoel de Oliveira. À mesa, aos consagrados John Malcovitch, Catherine Deneuve, Irene Papas e Stefania Sandrelli junta-se Leonor Silveira. Semelhante à entrada de Portugal na União Européia, a língua portuguesa parece abalar o perfeito diálogo entre o imperialismo do inglês, com seu sotaque judaico, o glamour do francês e a importância histórica do grego e do italiano. Se a imperceptível estranheza da conversa inicial surpreende o espectador e pode fazer pensar que assim é, ou deveria ser, o pensamento filosófico, um diálogo perfeito entre as diferenças, a chegada do elemento surpresa, aqui representado pela língua portuguesa, parece deixar entrever a mais efetiva impossibilidade de comunicação. Se há algum diálogo verdadeiro, este é o diálogo impossível, no qual, quando se pensa ter conseguido reunir as diferentes vozes em um uníssono, o coral destoa com a estrada do estranho.

Ensaiai aqui uma proximidade entre Jacques Derrida e Manoel de Oliveira pode não ser um despautério tão grande, pois sei de ao menos uma vez em que se deu um encontro entre os dois: pouco tempo antes da morte do filósofo franco-magrebino, o cineasta português esteve presente em sua laureação na Universidade de Coimbra, a convite da professora Fernanda Bernardo – testemunha, portanto, deste encontro. Mas, para-além dos *factos* – pois creio mesmo no dever de a filosofia se desapegar deste obsessivo amor aos factos –, esta

cena é tipicamente derridiana: aliás, como toda cena digna deste nome, toda escritura que assume o seu caráter de encenação. Se o pensamento filosófico sempre se ocupou e se preocupou em escrever o perfeito diálogo, no qual cada filósofo cria de seu relato através da orquestração das diferentes vozes da história da filosofia de acordo com sua própria partitura, os textos de Derrida dedicam-se a mostrar a dissonância que se esconde por detrás desta grande sinfonia chamada filosofia.

Talvez esta tenha sido a minha maior preocupação e o fato – que não é nada pouco significativo – que eu *devo* a Derrida. Não me pretendi compositor de nada, muito menos maestro. Possivelmente, apenas um amante da música que se inspirou em sons aqui e ali ouvidos e tentou fazer sua compilação. Compilação confusa, talvez, mas certamente assimétrica, em que melodias diletas se misturam com sons externos e internos e com outras melodias que nem mesmo esperava ocupar meu tempo. Mas não apenas de sons consiste esta minha *seleção*: uma infinidade de imagens e cheiros e letras, rabiscos e grifos, entretecem-se nisto que deve, por dever, chamar-se uma “tese” – um texto, uma textura de citações, paráfrases e algumas tentativas de inspirações. Mas certamente não na busca de originalidade ou de inauguração, e sim no trabalho de negociação que a leitura e a escritura pedem para que haja uma contra-assinatura. E foi assim que eu pude assinar isto que se chama “tese”, tentando apenas fazer justiça às tantas assinaturas desta multidão de espectros que, aqui, me assombram – de modo dissimétrico e inevitavelmente violento, pois sempre haverá exclusão, isto é, *secura*.

*

E o primeiro espectro que apareceu a mim foi a própria idéia de “úmido”, que intitula este trabalho. “Para um pensamento úmido: a filosofia a partir de Jacques Derrida” é um estudo que visa a apresentar alguns aspectos estruturais à constituição do pensamento ocidental que parecem ter sido recalcados pela filosofia ao longo de sua história. Para tanto, a fim de apresentar esta estrutura - ao mesmo tempo constitutiva e recalcada - do pensamento, recorreu-se à metáfora baconiana do úmido ou, mais precisamente, da umidade do úmido. Em seu *Novum Organum*, dedicado à formulação de um método científico que evite o erro e

conduza o homem no caminho do conhecimento verdadeiro, Francis Bacon rechaça com veemência a esfera da comunicação como lugar, por excelência, do erro, fruto da ambigüidade ocasionada pelo uso indevido das palavras. O termo úmido é, então, tomado como exemplo para ilustrar os equívocos produzidos pela linguagem por não ser de precisa definição, não sendo seco nem molhado. A “tese”, sempre entre aspas, que tentei desenvolver parte do princípio que o intuito de Bacon pode ser entendido como uma atitude típica da filosofia, qual seja, a sua necessidade de clareza, distinção, imunidade, contenção, determinação, consistência, unidade, isolamento etc., e vê nesta característica uma semelhança com a crítica que muito comumente se associa ao pensamento de Jacques Derrida e ao seu esforço para não oferecer nenhuma definição precisa, nenhuma conceitualização possível, apresentando, sob do nome “desconstrução”, um pensamento *contaminado e disseminado* através de seus “quase conceitos”: os indecidíveis.

A infinidade de espectros aos quais deveria aqui fazer justiça impossibilita qualquer indicação, pois à indiscutível influência de Derrida somam-se os rastros de filósofos do porte de Nietzsche, Kierkegaard, Benjamin e Lévinas, mas também as inspirações derridianas de Blanchot, Patočka, Kafka, Artaud, Jabès etc., e a esses as minhas próprias assombrações, como Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Tolstoi, Dostoievski e os tantos outros que me foram legados por Geoffrey Bennington, Danilo Marcondes, Roberto Machado, Gianni Vattimo, Mónica Cragolini, Katia Muricy, Elizabeth Muylaert, Fernanda Bernardo, Rosana Suarez, Luiz Bicca e, sobretudo, Paulo Cesar Duque Estrada. Sem qualquer hierarquia possível, estes nomes próprios foram inspirando passagens, permitindo paráfrases, solicitando citações e, com isso, minha escritura foi se fazendo, cabendo a mim a tentativa de agenciar estas assinaturas e, assim, rascunhar a minha. Ouvir as melodias, sem regê-las, tentando escutar o mais fielmente possível a sonoridade de cada uma, mas permitir também, e mesmo desejar, seu entrecruzamento. Nos termos de Paulo Cesar, que tanto insisti ao longo de minha escrita: *não me orientar conscientemente no pensamento*.

E este acabou por se tornar o título da primeira parte do texto: “... não se orientar conscientemente no pensamento”. Esta parte, que trata da apresentação do úmido e de um longo e provavelmente cansativo capítulo que busca analisar as duas primeiras décadas da obra de Derrida, poderia ser vista como a tentativa de cumprimento das exigências acadêmicas para a obtenção do título Doutor em Filosofia. As páginas introdutórias, que chamei de “preposições”, preocupam-se em mostrar como se deu para mim o acontecimento da idéia da umidade do úmido: trazendo desde dados intelectuais, como os diversos *dons* que recebi ao longo destes últimos anos, até fatos biográficos, como as felicidades e infelicidades que me fizeram tomar um posicionamento exclusivamente desconstrutor em minhas leituras – mostrando assim como meu percurso desviou-se das preocupações ético-políticas para uma discussão de cunho mais teórico. O segundo capítulo dedicou-se a mostrar o que seria a recusa desta estrutura úmida, ou seja, indecível, que eu vejo na postura filosófica, a partir da leitura da inspiradora passagem de Bacon em que o úmido é problematizado por não permitir nenhuma conceitualização exata e, depois, correlaciono esta estrutura do úmido (inapreensível pelo logos) com a noção de espectro que Derrida apresenta, desdobrando-se da idéia de rastro, como alternativa às oposições presença/ausência, vida/morte, presente/passado que sempre orientaram as análises filosóficas. O último e extenso capítulo desta parte tenta pensar a teoria desconstrutora desenvolvida por Derrida nas décadas de sessenta e setenta a partir de sua afirmação de que seu pensamento nada quer dizer, ao contrário da filosofia que consiste sempre em um pensamento que tem “o quê” dizer. Trata-se de um capítulo certamente cansativo e, nos termos daquilo que tanto tentei combater, seco – mas acreditei na necessidade de uma leitura cuidadosa destas obras para entender o princípio sem arquia da desconstrução, desde o projeto gramatológico, que nunca chegou a configurar um projeto ou uma ciência, até o processo de disseminação em que Derrida insiste na necessária contaminação da filosofia por seus outros e põe em questão os tão aclamados e tidos por certos limites entre as chamadas “disciplinas”.

Nestas quase trezentas páginas que compõem a primeira parte, e que pode certamente representar a árida ou desértica parte do meu trabalho, visto que inclusive para mim foi muitas vezes penoso enfrentar as escarpas e os abismos da escritura derridiana, tentei, não obstante, manter em mente a frase que ecoou todo

o tempo em meus tímpanos – e que Derrida herda de Nietzsche ao tomar seu martelo – que, fazendo lembrar a paradigmática tomada do filme português, diz que é preciso falar vários idiomas e escrever vários textos simultaneamente. Frase esta que poderia ter sido o título da segunda parte da tese, mas que não foi.

*

Já no primeiro capítulo, antecipei que tentaria, depois do aquecimento e do alongamento da primeira parte, empreender um pentatlo: ou seja, cinco provas rápidas que comporiam o “jogo do úmido”. Estas provas, que não são de modo algum comprovações ou demonstrações, tratam de características que um pensamento úmido apresentaria. O formato rígido de uma tese é então abandonado para dar lugar a um modelo ensaístico, na tentativa de ser o mais coerente possível com uma escrita úmida, tentando ao máximo, posto que se trata de uma tarefa impossível, utilizar-me das cinco quase-categorias com as quais pretendi jogar. Antes de qualquer jogo, há a aposta e, nesse sentido, posso agora realizar que a aposta – aposta esta alta para meu cacife – que fiz ao abandonar meu projeto inicial, praticamente a apenas um ano antes da defesa, o que, para muitos e até mesmo para mim, parece ser uma loucura, tal aposta que se demorou em muitas páginas para ser enfrentada, é o que motiva a segunda parte da tese e que, definitivamente, é o ponto em que queria chegar. E, não podendo nem devendo me estender mais, as cinco provas quase-atléticas tiveram mesmo que assumir a forma de ensaios, por vezes aforísticos ou mesmo autobiográficos, na tentativa de adequar-me à economia do pensamento que buscava defender.

A primeira prova, “todo outro é totalmente outro”, parte de meu percurso levinasiano, no intuito de delinear os aspectos “úmidos” que meus estudos éticos já pareciam buscar. A partir da noção de rastro, a alteridade foi apresentada como a verdadeira alteridade, inapreensível e inassimilável, que sempre escapará a qualquer tematização. Um pensamento úmido, tratando-se de um pensamento que assume a forma do nem/nem, fazendo uso dos termos de Mónica Cragolini, desconstruindo, assim, todos os pares oposicionais e hierarquizantes da metafísica, necessariamente leva em consideração este caráter totalmente outro da alteridade e a radical assimetria da relação com o outro. Nesse sentido, é também um pensamento frente ao qual só se pode dizer “sim”: tanto o sagrado sim da

criança nietzschiana, que se situa para-além do resignado sim e do contestador não, mas que só ele pode criar novos valores, como também o sim de Abraão, do pai santo e assassino que, ultrapassando a moralidade e a responsabilidade, revela uma estrutura fundamental de toda alteridade (seja ela uma pessoa, um texto, Deus, um pensamento etc.), qual seja, o “eis-me aqui”. Esta lição abraâmica, mais especificamente sua leitura feita por Kierkegaard, permite que se perceba um dos maiores desafios para a filosofia: o tremor. Frente a esta alteridade, totalmente outra, que sempre escapará, não há certeza possível, somente o tremor que o impossível provoca. Filosofar seria, então, não tremer, não se permitir tremer frente a este outro indecível – em meus termos, frente ao úmido –, o que se pode ver não apenas na atitude de exclusão que Bacon propôs quanto ao termo por mim eleito para intitular este trabalho, mas também de tantos outros, como Saussure, Austin, Husserl, Platão etc. Assim, *pensar umidamente seria saber tremer*.

As quatro provas seguinte podem ser vistas como desdobramentos desta tentativa minha de tremer, dedicando-me às outras quase-categorias que se mesclam, se repetem, formando um revezamento ou uma quase-unidade que me parece fazer justiça à minha aposta. Em “o sentido ‘próprio’ da escritura como a metaforicidade mesma”, os tropos são assumidos como constituintes do pensamento filosófico. Com as considerações sobre a metáfora de Nietzsche, a escrita alegórica de Benjamin e a estilística que Derrida desenvolve, para-além da metáfora, busquei pensar o caráter úmido como a estrutura metafórica da metáfora, que se desdobra até a questão do estilo na filosofia. Assim, a escrita úmida só é possível se se escreve com estilo, ou melhor, com estilos – palavra sempre plural.

Do estilo à literatura é o movimento de “a escritura já é portanto encenação”, a prova em que a “interessância” da literatura é interpretada como sua possibilidade de dizer tudo e, com isso, a ficção ganha, em Derrida, um lugar privilegiado. Mas não necessariamente a ficção, mas sim a ficcionalidade da língua, esta estrutura que todo discurso carrega e que segue a arquitetura do “como se”. O privilégio da literatura consistiria, portanto, no fato de ela assumir que seu discurso é sempre estruturado sob esta arquitetura, ao contrário dos discursos lógicos, que se pretendem de tal modo verdadeiros que não percebem que também se constroem sob a forma de um “como se”.

Em “um texto permanece, aliás, sempre imperceptível” a questão da tradução é tratada como uma questão à qual a filosofia não poderia deixar de se deparar. Tradução e língua refletindo a lógica do monolingüismo e da impossibilidade de tradução são traços úmidos no sentido de que também seguem a lógica da “brisura” ou do “nem/nem”, pois, em uma primeira instância, vê-se o fato de que só se possui apenas uma língua, mas que esta não nos pertence e, assim, tornamo-nos estrangeiros em nossa própria língua, abalando, com isso, a própria idéia de identidade. Já o problema da tradução, que se encontra desde o relato bíblico sobre Babel até Benjamin, mostra que todo texto abriga o imperativo “traduza-me, sabendo da impossibilidade da tradução” – o que exemplifica perfeitamente o movimento da desconstrução de se entregar à tarefa que, de antemão, já sabe ser impossível, pois esta tarefa do tradutor é a tarefa do filósofo, que deve ler e escrever, conhecendo e amando, as múltiplas gramáticas e sintaxes dos tantos idiomas filosóficos.

A última prova, “como se tornar o que se é”, trata do elemento autobiográfico do texto filosófico. A árdua tentativa de separar vida e obra talvez seja a máxima representação da *secura*, sob a forma da pretensão de indenidade. O que Derrida mostra é que não se pode reduzir a vida à obra nem a obra à vida: o autobiográfico situa-se na tensão entre vida e obra, neste “entre” em que uma contamina a outra e que é o “lugar” de inscrição de toda trama conceitual. E esta noção de “entre”, talvez a expressão máxima do úmido, é o que, por fim, permite que, a fim de conclusão, eu ensaie a possibilidade de se pensar o “eu” não mais sob a lógica da identidade, mas sim sob a economia da “identridade”.

*

Pouco mais de um ano depois, é inevitável assumir os perjúrios que foram cometidos e as infidelidades que marcam a impossibilidade que acompanhou a escrita desta tese desde seu início. E ainda que o fracasso tenha sido assumido por mim desde o início do jogo, a frustração, sobretudo, por não ter conseguido escrever de modo totalmente úmido, torna-se inevitável. Talvez isso se deva ao fato de que se esta fosse uma tese plenamente úmida, ela não seria filosófica – e é certo que se há algo que ainda me move, me motiva a escrever e a pensar (se é que estes termos não são sinônimos) é esta antiga forma de amor ao saber. Mas

mesmo que a filosofia seja a instância por excelência da *secura*, ainda deve haver algo a se fazer: o que eu creio se tratar de escrever para fazer justiça ao úmido. Justiça na traição, na infidelidade, no perjúrio, mas apaixonada. Por isso, mesmo que eu saiba, e sempre soube, da impossibilidade de escrever umidamente, assumi para mim esta tarefa – e retomando a maior indicação que eu tive ao longo de minha escritura, das dificuldades e angústias que se misturaram sempre com entusiasmo, disposição e mesmo orgulho, restou-me apenas, como em um momento decisivo me aconselhou Paulo Cesar, o trabalho sem fim de *negociar com o seco*. Só posso dizer, então, que esta foi minha tentativa: escrever por amor à umidade.

Rio de Janeiro, 30 de Janeiro de 2007.

Rafael Haddock Lobo